UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISADORA SOUZA MUCCILLO

ASCENSÃO E RESILIÊNCIA:
A trajetória da parceria estratégica Russo-Brasileira diante de mudanças paradigmáticas, instabilidade econômica e tensões geopolíticas (2002-2022)

Porto Alegre
2024

ISADORA SOUZA MUCCILLO

ASCENSÃO E RESILIÊNCIA:

A trajetória da parceria estratégica Russo-Brasileira diante de mudanças paradigmáticas, instabilidade econômica e tensões geopolíticas (2002-2022)

Artigo apresentado como requisito parcial para a Disciplina Inserção Estratégica do Brasil, do Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, para obtenção do Título de Doutora em Relações Internacionais.

Porto Alegre

2024

ASCENSÃO E RESILIÊNCIA:

A trajetória da parceria estratégica Russo-Brasileira diante de mudanças paradigmáticas, instabilidade econômica e tensões geopolíticas (2002-2022)

Isadora Souza Muccillo[1]

RESUMO: A convergência na política externa da Rússia e do Brasil ao longo das últimas duas décadas reflete uma notável modificação em relação a um histórico anterior caracterizado por distanciamento, cujas raízes remontam a disparidades ideológicas. Este afastamento, manifestamente evidente durante a Guerra Fria, atingiu seu ponto mais crítico durante o período da ditadura brasileira, quando a aliança automática com os Estados Unidos (EUA) constituía o fulcro da política externa brasileira. O subsequente estreitamento das relações bilaterais materializou-se por meio de uma transformação paradigmática na abordagem da política externa brasileira, impulsionada pelas novas demandas de integração em um contexto internacional multipolar, bem como pela complexificação das relações interestatais. Nesse sentido, Brasil e Rússia formalizaram a Parceria Estratégica em 2002, impulsionadas pela interdependência econômica e fundamentadas em valores compartilhados. Assim, nos primórdios do novo milênio, a relação desenvolveu-se sem constrangimentos, culminando em atuações conjuntas no agrupamento dos BRICS e em uma agenda presidencial contínua. A partir de 2008, diversos desafios emergiram para a relação bilateral, incluindo a crise global econômica, a deterioração das relações entre Rússia e Ocidente, as sanções econômicas aplicadas à Rússia após a anexação da Crimeia e a eleição de Jair Bolsonaro, um presidente de extrema-direita pró-EUA (2018). Mesmo diante dessas condições adversas, a relação entre ambos os países manteve-se sólida e em contínuo desenvolvimento. Diante desse contexto, o presente artigo utiliza a perspectiva da interdependência complexa para compreender os fatores que sustentaram o desenvolvimento da relação bilateral em condições adversas.

Palavras-chaves: Convergência. Política externa. Rússia. Brasil. Parceria Estratégica. Interdependência Complexa.

ABSTRACT: The convergence in the foreign policy of Russia and Brazil over the past two decades signifies a notable departure from a previous landscape characterized by detachment rooted in ideological disparities. This condition, prominently evident during the Cold War, reached its most critical level during the period of Brazilian dictatorship when automatic alignment with the United States (US) constituted the foundational tenet of Brazilian foreign policy. The subsequent consolidation of bilateral relations was facilitated through a paradigm shift in Brazil's foreign policy approach, propelled by new imperatives for integration in a multipolar international context and the escalating complexity of interstate relations. Brazil and Russia formalized the Strategic Partnership in 2002, followed by a deepening of bilateral relations, driven by economic interdependence and grounded in shared values.In the early years of the new millennium, the relationship developed unhindered, resulting in collaborative efforts

[1] Bacharel em Relações Internacionais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM; Especialista em Estratégia e Relações Internacionais Contemporâneas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Mestre em Políticas Públicas pela Higher School of Economics (HSE); Doutoranda em Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: isadoramuccillo@gmail.com

within BRICS and an ongoing presidential agenda. However, from 2008 onward, new challenges emerged, including the global economic crisis, the deterioration of relations between Russia and the West followed by economic sanctions post-Crimean annexation (2014), and the election of Jair Bolsonaro, a far-right, pro-US president (2018). Despite these complex circumstances, the relationship between the two countries remained robust and demonstrated continuous improvement. To better comprehend the factors sustaining the development of the bilateral relationship amid adverse conditions, this article applies the perspective of Complex Interdependence.

Keywords: Convergence. Russia. Brazil. Foreign policy. Strategic Partnership. Complex interdependence.

1 INTRODUÇÃO

O estreitamento das relações russo-brasileiras emerge como um fenômeno sinérgico de caráter contemporâneo, destacando-se notavelmente nas últimas duas décadas. Esta aproximação representa uma mudança disruptiva em relação ao padrão histórico, onde divergências ideológicas conduziram a um notável distanciamento nas esferas diplomática, econômica e cultural ao longo de um extenso período.

O afastamento histórico entre as relações russo-brasileiras é frequentemente atribuído como um desdobramento da Guerra Fria, embora outros fatores, como os interesses da elite brasileira, também contribuam para a compreensão desse fenômeno. Nesse contexto, a reformulação da relação bilateral condicionou-se à ascensão de um novo regime internacional e à projeção da política externa brasileira nesse novo contexto, valorizando a abertura econômica e a exploração de novas parcerias. Em outras palavras, foi a partir somente a partir de um regime multipolar que ocorreu uma efetiva convergência entre a Rússia e o Brasil.

Sob a perspectiva russa, o interesse no desenvolvimento da relação bilateral intensificou-se durante a Nova Ordem, contexto que se seguiu à queda da URSS, quando a Rússia enfrentou diversos problemas domésticos associados ao então reduzido protagonismo internacional. As mudanças no âmbito internacional, aliadas à consolidação de valores e instituições ocidentais, impuseram limites à projeção da política externa russa. Por conseguinte, o desenvolvimento de novas parcerias tornou-se um interesse de estado, materializado através da intensificação de relações favoráveis aos interesses russos.

Em um contexto mais propício ao multilateralismo, o Brasil e a Rússia firmaram a parceria estratégica em 2002, a qual posteriormente evoluiu para uma relação complexa, caracterizada pela interação de diversos grupos de interesses, bem como pela aproximação retórica dos presidentes russos e brasileiros e a atuação conjunta nos BRICS. Essa relação, em outras palavras, desenvolveu-se ao longo dessas duas últimas décadas, adquirindo as

características de uma relação de interdependência complexa, conforme definido por Keohane e Nye (1977) em "*Power and Interdependence*" - conexões que ultrapassam as convencionais, abrangendo aspectos para além dos domínios militares ou econômicos. Ou seja, essa relação torna-se cada vez mais sensível e vulnerável diante da possibilidade de rompimento, sanções ou afastamento.

A relação entre Rússia e Brasil no novo milênio destacou-se, especialmente durante os dois mandatos do presidente brasileiro Luiz Inácio da Silva e a implementação das novas diretrizes da política externa russa sob a liderança do presidente Vladimir Vladimirovitch Putin. Ambos os líderes adotaram discursos revisionistas, criticando as disparidades entre países ricos e em desenvolvimento, buscando reformular as instituições internacionais em prol dos interesses das nações emergentes. Essa convergência retórica permitiu a internalização de valores compartilhados, culminando em uma colaboração sem precedentes em diversas áreas, incluindo os domínios espacial, econômico e político. Dessa forma, evidenciou-se uma complexificação significativa da relação bilateral.

A trajetória da Parceria Estratégica entre Rússia e Brasil se desenvolveu em um contexto propício ao multilateralismo, no qual ambos os países vislumbraram um aumento significativo de sua influência, impulsionado pelo crescimento econômico relacionado ao boom das commodities. Essa condição vantajosa perdurou até 2008, quando surgiram três desafios cruciais. O primeiro desafio emergiu com a crise econômica global e a subsequente crise do multilateralismo, reconfigurando o ambiente no qual a relação bilateral evoluiu. O segundo desafio decorreu da deterioração das relações entre Rússia e Ocidente, marcada pelo início da Guerra da Geórgia em 2008, intensificando-se com a anexação da Crimeia em 2014 e agravando-se em 2022 com a invasão russa ao território ucraniano. O terceiro desafio materializou-se nas instabilidades e mudanças na política externa brasileira, fenômeno que se manifestou durante o governo de Dilma Rousseff e persistiu até a gestão de Jair Bolsonaro.

Apesar de todos esses acontecimentos, a relação bilateral manteve-se em vigor, desenvolvendo-se mesmo diante da crise política brasileira, das tensões geopolíticas e da instabilidade econômica mundial. Apesar do isolamento russo da comunidade internacional, a decisão do Brasil de preservar a troca econômica e manter um bom diálogo político reitera que essa parceria se desenvolve sob uma estrutura robusta, intensificada pela complexificação da agenda que envolve múltiplos interesses. Nesse sentido, este artigo busca compreender quais são os fatores responsáveis por assegurar o desenvolvimento da relação estratégica nesses três contextos adversos. Para isso, o artigo aplica a lente teórica da interdependência complexa,

além de considerar discursos presidenciais, documentos, fontes oficiais do Ministério das Relações Exteriores e referências bibliográficas.

O enfoque na Interdependência Complexa como arcabouço teórico oferece uma abordagem multidimensional, permitindo uma análise mais profunda e abrangente dos elementos que contribuem para a manutenção e a evolução dessa parceria estratégica. Ao adotar essa abordagem metodológica integrada, o artigo busca oferecer insights esclarecedores sobre os fundamentos e a resiliência da Parceria Estratégica russo-brasileira, contribuindo para um entendimento mais aprofundado das dinâmicas que sustentam essa relação em meio a um contexto geopolítico desafiador e complexo.

Este artigo está estruturado em quatro seções principais. A primeira seção demonstra o contexto que levou à aproximação entre Rússia e Brasil, culminando na formalização da Parceria Estratégica em 2002. A segunda parte dedica-se à compreensão do cenário que resultou na ascensão dessa parceria, considerando os dois mandatos de Lula, os primeiros anos do governo de Putin e o mandato de Dmitri Medvedev. A terceira seção aborda o surgimento de desafios à parceria estratégica durante os dois mandatos de Dilma Rousseff, o governo interino de Michel Temer e o mandato de Jair Bolsonaro, período que coincide com o retorno de Putin à presidência. A quarta seção analisa a manutenção e resiliência da relação bilateral nesses contextos, por meio da lente da Interdependência Complexa. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 A RECONFIGURAÇÃO DA RELAÇÃO BILATERAL ENTRE RÚSSIA E BRASIL

A análise das complexas dinâmicas que delineiam a relação bilateral entre Rússia e Brasil ao longo da evolução histórica traça uma trajetória caracterizada por distintas fases de aproximação e distanciamento. O estabelecimento das relações diplomáticas em 1828 representa o marco inaugural desses vínculos, que persistiram por mais de um século, mas sucumbiram diante das vicissitudes do século XX (BRASIL, 2014a).

O primeiro rompimento diplomático entre Brasil e Rússia ocorreu em 1917, em um período em que a política externa se desdobrava a partir da relação bilateral com os Estados Unidos (EUA). Este rompimento não se deu unicamente em resposta à influência norte-americana; também refletiu as percepções e preferências da elite brasileira da época, que se opunha à influência ideológica dos Bolcheviques, particularmente diante das preocupações com a ascensão do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A interconexão desses dois fatores emerge

como uma explicação fundamental para o contexto no qual as relações diplomáticas regrediram, mantendo-se instáveis no período de 1917 a 1961 (BACIGALUPO, 2000).

Apesar do restabelecimento das relações diplomáticas em 1961, uma efetiva aproximação somente se consolidou no final da década de noventa, impulsionada pela ascensão de uma Nova Ordem mundial multipolar e por mudanças paradigmáticas na política externa brasileira. Foi nesse contexto que o ex-presidente José Sarney liderou a transição do regime militar para uma democracia, inaugurando novas possibilidades e tornando-se, em 1988, o segundo líder brasileiro a visitar a Rússia, após Dom Pedro II. A visita de Sarney, portanto, indicou um novo entendimento sobre o potencial da Rússia, posteriormente considerada pelo Itamaraty como um relacionamento crescente com grande potencial (SILVEIRA, 2002).

No Brasil, as mudanças domésticas refletiram em uma nova política externa, dessa vez, inspirada pela democracia e pelas múltiplas possibilidades comerciais de um contexto multipolar. Nos discursos de Fernando Henrique Cardoso (FHC), essas novas possibilidades foram derivadas de um novo paradigma da política externa, inspirado na busca por autonomia pela integração" (VIGEVANI; OLIVEIRA; CINTRA, 2003). No contexto do multilateralismo, portanto, a aproximação com a Rússia passou a ser desejada.

> Vamos valorizar ao máximo a condição universal da nossa presença tanto política como econômica, condição que tanto nos permite aprofundar-nos nos esquemas de integração regional [...]. Sem nos esquecermos das nossas relações tradicionais com o continente africano e de países como a China, a Rússia e a Índia, que, por sua dimensão continental, enfrentam problemas semelhantes aos nossos no esforço pelo desenvolvimento econômico e social. (OLIVEIRA, 2010, p.14).

A abertura da política externa brasileira representou uma decorrência da mudança paradigmática na abordagem do Estado, transitando de um enfoque Desenvolvimentista para um Estado Normal (CERVO, [2003]). Este período de transformação foi crucial para a reconfiguração das relações entre Rússia e Brasil, marcado, em 1999, pela instauração da Comissão Russo-Brasileira de Alto Nível de Cooperação (CAN) e, subsequentemente, pela formalização do acordo da Parceria Estratégica em 2002 (BRASIL, 2014a).

A redefinição da relação entre a Rússia e o Brasil, evidenciada desde a visita de Sarney, foi impulsionada por diversos fatores, com destaque para a mudança paradigmática na política externa brasileira e as transformações na ordem mundial. A transição desta última, de um formato bipolar para um sistema multipolar, trouxe maior complexidade às relações interestatais. Embora a boa relação entre Rússia e EUA tenha exercido alguma influência, não se configurou como fator determinante. Como será posteriormente demonstrado, a deterioração das relações entre Rússia e Ocidente não se revelou como um imperativo para o retrocesso da

Parceria Estratégica; pelo contrário, esta continuou a se desenvolver de maneira ininterrupta, superando adversidades geopolíticas, econômicas e domésticas nos anos subsequentes.

3 A ASCENSÃO DA PARCERIA ESTRATÉGICA

Um capítulo relevante na evolução da relação bilateral russo-brasileira se delineou nos primórdios do novo milênio, período em que as trajetórias das políticas externas russa e brasileira convergiram em meio à ascensão de uma nova ordem mundial. Ao longo da primeira década do milênio, a relação bilateral evoluiu de maneira sem precedentes.

Analisar a trajetória dessa cooperação requer reflexão sobre as mudanças essenciais que delinearam a orientação da política externa brasileira no século XXI. No âmbito nacional, a transição de administrações de orientação neoliberal cedeu espaço à ascensão de líderes alinhados à esquerda, cujas agendas de política externa estiveram centradas no multilateralismo e em suas inúmeras possibilidades. A política externa sofreu mudanças relevantes nos primeiros anos do novo milênio, repercutindo na busca por maior abertura comercial e por uma proeminência ampliada na arena global. Em termos conceituais, a abordagem "paradigma da autonomia pela diversificação" ressalta a intenção do Brasil de buscar maior autonomia e diversificação em suas relações internacionais, contrapondo-se a períodos anteriores de orientação neoliberal. Sobretudo, tornou-se um dos pilares do governo de Lula (CERVO, 2008).

A atuação de Lula na política externa caracterizou-se pelo seu posicionamento crítico em relação às disparidades internacionais, uma temática que permeou seus discursos desde sua participação inaugural na conferência do Banco Mundial em 2003 até o encerramento de seu segundo mandato em 2010. No mencionado evento inaugural, as palavras de Lula refletiram seu descontentamento com a ordem global então vigente, com ênfase especialmente na disparidade de oportunidades entre as nações:

> [...] primeiro princípio básico que propus no início de minha fala: igualdade de oportunidades. As economias em desenvolvimento precisam ter a chance de exercer com plenitude sua competitividade nas atividades econômicas onde conquistaram ou vierem a adquirir capacidade de concorrer (BRASIL, 2003a).

Em diversos discursos proferidos por Lula, ressaltou-se a prontidão do Brasil para expandir sua influência, assumindo novos papéis e participando ativamente em espaços predominantemente ocupados por países desenvolvidos. Um exemplo paradigmático ocorreu durante o diálogo de Evian, quando os líderes do G-8 se reuniram pela primeira vez com representantes de nações em desenvolvimento. No mesmo ano, o discurso inaugural de Lula

nas Nações Unidas e na Organização Internacional do Trabalho (OIT) enfatizou as aspirações "em nome de um novo Brasil".

> Minha mensagem foi clara: não há desenvolvimento econômico sem justiça social. Não podemos contemplar passivamente a disparidade entre as ilhas de abundância e os oceanos de penúria. Com vontade política podemos corrigir distorções e estimular mudanças; canalizar recursos para o combate à fome e à miséria; estabelecer condições equânimes de competição comercial, revitalizar a cooperação internacional para o desenvolvimento, democratizar as relações internacionais e fortalecer o multilateralismo em prol da paz e segurança internacionais. Precisamos de medidas emergenciais e de soluções estruturais (BRASIL, 2003b).

O tom mais crítico de Lula corresponde a esse novo paradigma de política externa denominado "autonomia pela diversificação". Essa busca por maior influência e autonomia por parte do Brasil coincide com um período de transformações significativas na política externa russa, iniciado com a eleição de Vladimir Putin, cuja abordagem foi caracterizada por um "novo realismo" (FREIRE, 2017). Na prática, essa mudança na política externa russa implicou na fusão de uma perspectiva realista tradicional, centrada nos interesses nacionais e na sua consecução no âmbito internacional, com o intuito de alcançar equilíbrios e vantagens competitivas, especialmente em relação à estrutura ocidental e a oportunidades desiguais.

> À nossa volta, estão países com economias altamente desenvolvidas. Precisamos encarar o fato de que esses países empurram a Rússia para fora de mercados mundiais promissores sempre que têm a oportunidade. E suas evidentes vantagens econômicas alimentam suas crescentes ambições geopolíticas [HALL, 2003, tradução nossa].[2]

O interesse mútuo no desenvolvimento econômico e na promoção de oportunidades mais equitativas emergiram fatores convergentes entre o Brasil e a Rússia, refletindo na similaridade em termos de valores. A crescente aproximação entre os dois países atingiu um marco significativo em 2005, durante o Seminário Brasil-Rússia, onde ocorreu a primeira visita de um líder russo ao Brasil, visando fortalecer essa aliança estratégica (BRASIL-RÚSSIA..., 2005). Nos anos subsequentes, essa parceria foi consolidada por meio de um diálogo de alto nível, destacado pelas quatro visitas oficiais de Lula à Rússia, assim como pelas visitas de Putin ao Brasil.

Durante a primeira visita oficial de Lula à Rússia, um gesto tangível desse compromisso mútuo resultou na assinatura de três acordos, destacando-se a colaboração espacial que culminou na missão da nave Soyuz à Estação Espacial Internacional (ISS), uma empreitada

---

[2] *All around us are countries with highly developed economies. We need to look in the face the fact that these countries push Russia out of promising world markets when they have the chance. And their obvious economic advantages serve as fuel for their growing geopolitical ambitions* (HALL, 2003).

conjunta entre Brasil e Rússia (NUNES, 2005). Essa cooperação espacial teve um impacto notável, permitindo ao astronauta Marcos César Pontes tornar-se o primeiro brasileiro a realizar experimentos em gravidade zero, simbolizando essa conquista pioneira com a bandeira brasileira.

Além dos feitos espaciais, a aproximação entre Brasil e Rússia foi evidenciada pelo apoio mútuo em instâncias internacionais. A Rússia, de maneira inédita, tornou-se o primeiro membro do Conselho de Segurança a endossar a candidatura do Brasil, enquanto reciprocamente, o Brasil passou a apoiar a candidatura russa na Organização Mundial do Comércio (OMC) (ABBOTT, 2005). Esse apoio recíproco não apenas fortaleceu os laços bilaterais, mas também ressaltou a colaboração construtiva entre as duas nações em níveis global e econômico.

Durante a mencionada visita oficial de Lula à Rússia, as declarações do líder brasileiro enfatizaram uma transformação notável na relação russo-brasileira em comparação com o passado. Tornou-se explícito que, na contemporaneidade, ambas as nações compartilhavam ambições comuns. Lula enfatizou que "o povo brasileiro e o povo russo são motivados por um profundo sentimento nacional e pelo desejo de presença soberana no mundo.". Nesse contexto, o presidente destacou o vasto potencial da cooperação russo-brasileira em diversas áreas, abrangendo aspectos econômicos e espaciais, ao mesmo tempo em que expressava o anseio por reformas nas Nações Unidas:

> [...] Compartilhamos com a Rússia a convicção da necessidade de reforma das Nações Unidas, incluindo o seu Conselho de Segurança, com vistas a dotar aquele órgão de maior legitimidade, representatividade e eficácia [...]. O debate nas Nações Unidas, o debate na Organização Mundial do Comércio e o debate em outros foros multilaterais demonstram que somente o trabalho conjunto dos países emergentes pode criar uma nova geografia política, econômica e comercial. (BRASIL, 2005).

A confluência de aspirações nacionais evidenciada não apenas sublinha a evolução da parceria bilateral, mas também revela a convergência de visões estratégicas entre Brasil e Rússia. A ênfase nas potencialidades de colaboração econômica e espacial enfatizou o comprometimento mútuo em explorar oportunidades conjuntas e abordar desafios globais de maneira colaborativa. Ao externar o desejo por reformas na Organização das Nações Unidas (ONU), Lula indicou a disposição compartilhada de ambas as nações em contribuir para a edificação de uma ordem mundial mais justa e eficaz.

Essas assertivas não apenas consolidam, mas também robustecem a base sólida sobre a qual a relação russo-brasileira se desenvolve, orientada para a consecução de objetivos comuns e para a afirmação de uma presença de destaque no cenário internacional. Essa postura foi

também reciprocamente corroborada por Putin, reforçando um compromisso conjunto em prol de uma cooperação duradoura, enraizada em fundamentos acadêmicos e orientada para benefícios mútuos:

> Apontamos que Rússia e Brasil compartilham valores democráticos comuns e consistentemente apoiam a formação de um sistema internacional justo e multipolar. Apoiamos o fortalecimento do papel central da ONU na coordenação da manutenção da estabilidade e segurança, e no desenvolvimento de respostas consensuais e adequadas às ameaças atuais (PRESS STATEMENTS ON..., 2005, tradução nossa).[3]

A segunda visita de Lula ocorreu em julho de 2006, coincidindo com a realização da cúpula do G-8, na qual a Rússia assumiu pela primeira vez a condição de anfitrião. Durante esse encontro, o presidente russo endossou as preocupações relacionadas às Relações Internacionais, destacando a necessidade premente de construir uma "nova arquitetura", fundamentada em sua percepção de que "o mundo não é seguro agora e é menos previsível." (VLADIMIR PUTIN SUMMED..., 2006). Em adequação com esse contexto, Lula enfatizou as questões agrícolas e criticou a estrutura das relações comerciais multilaterais:

> [...] Uma Rodada que apenas cristalize o status quo, sobretudo no setor agrícola, equivalerá a condenar a expressiva maioria da humanidade a seguir vivendo em meio à fome e à miséria [...]. Os cortes tarifários em agricultura têm que ser igualmente significativos e não podem ser neutralizados por exceções e comércio administrado. O tratamento especial para a situação específica dos países mais pobres, que enfrentam questões de subsistência e segurança alimentar deve ser reconhecido. (BRASIL, 2006).

Durante o primeiro mandato de Lula (2003-2006), a aproximação entre Rússia e Brasil foi facilitada pela convergência de objetivos, evidenciada na retórica presidencial recíproca. O envolvimento significativo de Lula em fóruns internacionais, especialmente em questões relacionadas à abertura econômica e às disparidades entre países desenvolvidos e emergentes, alinhou-se de maneira congruente com as ambições russas. Essa dinâmica persistiu ao longo do segundo mandato de Lula (2007-2010) e durante o mandato do ex-presidente russo Dmitry Medvedev, de 2008 a 2012. A agenda de Medvedev incluiu uma visita oficial ao Brasil, culminando na assinatura da Declaração Conjunta (BRASIL, 2023). Este documento reafirmou a convergência de valores entre ambas as nações, destacando a resiliência da relação russo-brasileira diante dos desafios contemporâneos (BRASIL, 2008).

---

[3] *We pointed out that Russia and Brazil share common democratic values and consistently support the formation of a just and multipolar international system. We support strengthening the UN's central coordinating role in maintaining stability and security and developing consensual and adequate answers to today's threats* (PRESS STATEMENTS ON..., 2005).

Durante essa visita, ocorreu a assinatura do contrato para a construção da primeira usina nuclear brasileira em parceria com a empresa russa Rosatom, representando um marco importante. Além disso, a cooperação no setor de defesa foi fortalecida com a aquisição pelo Brasil de helicópteros militares russos Mi-35. Esses acordos não apenas impulsionaram a colaboração econômica, mas também consolidaram os laços estratégicos entre ambos os países. A criação da Comissão de Alto Nível Brasil-Rússia evidenciou o compromisso mútuo em aprofundar a cooperação em diversas áreas, incluindo agricultura, ciência e tecnologia (CENTRO DE COMUNICAÇÃO..., 2008).

O contínuo aprimoramento da relação bilateral diante dos desafios que emergiram naquele ano destaca a intrínseca interdependência na dinâmica russo-brasileira. Em outras palavras, a assinatura da Declaração Conjunta ocorreu concomitantemente ao aumento das tensões entre a Rússia e o Ocidente, especialmente no contexto da guerra na Geórgia e na subsequente disputa envolvendo as regiões separatistas da Ossétia do Sul e Abkházia, configurando um ponto de inflexão que resultou em uma postura mais assertiva por parte da Rússia. A expansão da OTAN para países situados nas proximidades das fronteiras russas intensificou as preocupações de segurança, contribuindo para a exacerbação das tensões entre a Rússia e as potências ocidentais e tornando-se um dos pilares da retórica de Putin (SIMÃO; RODRIGUES, 2012).

Apesar do cenário de deterioramento econômico e geopolítico, a interconexão de interesses e a convergência de valores compartilhados entre Rússia e Brasil emergem como elementos resilientes. O segundo mandato de Lula (2007-2010) foi testemunha do contínuo desenvolvimento da relação bilateral, atingindo seu ápice em 2009 com a união dos dois Estados no contexto dos BRICS. A adesão a essa coalizão, composta por economias que, naquela época, já representavam 65% do PIB mundial, destacou a busca por sinergias econômicas e uma visão compartilhada sobre o papel das economias emergentes no cenário internacional (CONHEÇA OS BRICS..., 2014), considerando um interesse comum na redemocratização das Relações Internacionais (SILVA; HOLLEBEN, 2022). Nesse contexto, ocorreu a terceira visita oficial de Lula à Rússia em 2009, marcando a realização da primeira Cúpula dos BRICS em Ecaterimburgo, na Rússia (BRASIL, 2009).

A expansão das atividades do BRICS, com ênfase particular na esfera financeira após a crise de 2008, revela a cooperação conjunta dos quatro países em fóruns internacionais como G20, FMI e Banco Mundial. As propostas de reforma nas estruturas de governança financeira internacional, alinhadas ao crescente peso dos países emergentes na economia global, ilustram a coesão estratégica no cenário internacional, revelando, cada vez mais, a sinergia conjunta para

a defesa de valores (CONHEÇA OS BRICS..., 2024). Putin, por exemplo, apostou que o futuro dos BRICS reside na essência soberana que todos os países dispõem, o que os garante relações ponderadas com os EUA, particularmente com a OTAN (PIMENTEL, 2013a).

Em 2010, no derradeiro ano de seu segundo mandato, o ex-presidente Lula empreendeu uma visita à Rússia, com o propósito de consolidar e fortalecer as relações bilaterais, ressaltando, sobretudo, a favorável dimensão econômica:

> O meu amigo Putin sabe que eu defendo uma relação comercial equilibrada. Hoje nós temos um grande superávit na relação com a Rússia, e precisamos discutir de forma mais profunda como equilibrar o nosso comércio, o nosso nós temos possibilidade de comprar trigo da Rússia, nós temos interesse em aumentar a compra de fertilizantes da Rússia, sobretudo na questão dos nitrogenados. Além disso, nós precisamos avançar na produção de produtos de maior valor agregado, para que a nossa balança seja, definitivamente, equilibrada e justa para os dois países (BRASIL, 2010).

A agenda bilateral expandiu-se significativamente, abrangendo aspectos econômicos, políticos e tecnológicos, consolidando-se como uma plataforma para a discussão de interesses compartilhados, especialmente no contexto do futuro dos BRICS. Essa diversificação de interesses reflete a compreensão mútua da importância de abordar questões complexas e desafios globais de maneira conjunta. A interdependência intrincada entre Rússia e Brasil desempenhou um papel fundamental na sustentação da Parceria Estratégica, mesmo diante das adversidades externas que já se moldavam nesse período.

Assim, a interdependência complexa entre Rússia e Brasil não apenas serviu como alicerce para manter a relação bilateral em meio a contratempos externos, mas também proporcionou um terreno propício para o florescimento de uma parceria estratégica abrangente, fundamentada em valores compartilhados e interesses complexos. Esta dinâmica resiliente continuou a moldar a trajetória da cooperação russo-brasileira nos anos subsequentes, mesmo em condições completamente distintas daquelas que propiciaram a aproximação bilateral no início do primeiro milênio.

4 A PARCERIA ESTRATÉGICA ENTRE RÚSSIA E BRASIL DIANTE DE DESAFIOS

Na primeira década do século XXI, a relação bilateral entre Rússia e Brasil consolidou-se sobre alicerces robustos, emergentes de um contexto propício à reciprocidade de interesses, não se restringindo a meras contingências. Nesse cenário, o alinhamento de ambas as nações

revelou-se convergente e sinérgico, proporcionando uma base sólida para a ampliação do engajamento político e o aprofundamento das trocas econômicas entre os dois países.

No contraste com os mandatos presidenciais de Lula, os anos subsequentes (2010-2022) foram marcados por alterações relevantes tanto no âmbito interno quanto externo, os quais podem ser delineados em dois cenários principais para fins de análise. O primeiro cenário compreende os dois mandatos de Dilma Rousseff, considerando a interrupção de seu governo em 2016, sucedido pela liderança do vice-presidente Michel Temer (2016-2018). No âmbito externo, esse período coincide com o agravamento das tensões entre Rússia e o Ocidente após a anexação da Crimeia (fevereiro de 2014), bem como a fragilidade econômica generalizada decorrente da crise de 2008.

O segundo período, abrangendo essa fase, tem início em 2018, quando Jair Bolsonaro, presidente de orientação política de extrema direita, foi eleito após um período de polarização doméstica e tensões políticas. A política externa de Bolsonaro seguiu uma tendência contrária àquela que vinha sendo sustentada ao longo de décadas. Esse mesmo período coincide com outro episódio de escalada das tensões entre Rússia e o Ocidente, particularmente em fevereiro de 2022, quando a Rússia invadiu a Ucrânia.

4.1 Primeira Fase: O reduzido protagonismo brasileiro e as tensões Rússia-ocidente

Os anos de governo de Dilma Rousseff foram caracterizados por desafios substantivos gerados a partir do descontentamento popular, da crise econômica e política, e também pela falta de apoio no Congresso. Esse contexto repercutiu na reduzida atuação da política externa brasileira. Já no âmbito global, se delineava um panorama desafiador em decorrência dos impactos da crise financeira de 2008 e da subsequente tensões geopolíticas.

O contexto externo desfavorável associado à crescente fragilidade interna repercutiu no reduzido protagonismo do governo Dilma, embora tenham sido mantidas diretrizes similares às do governo Lula, como por exemplo, o combate à pobreza (SILVA; PÉREZ, 2021).

Apesar disso, Dilma se dedicou à agenda dos BRICS, comparecendo às cúpulas e mantendo um diálogo com os demais membros. Em 2012, Dilma se encontrou com Putin, onde discutiram a importância da cooperação econômica e comercial, visando elevar o intercâmbio comercial bilateral para US$10 bilhões anuais. Além disso, discutiram temas internacionais, como compromisso com soluções pacíficas e multilaterais, além de ressaltaram o papel dos BRICS e do G-20 na promoção de uma ordem internacional mais justa e equilibrada (BRASIL, 2012).

A relação bilateral Russo-brasileira se manteve em desenvolvimento, pois Dilma sustentou, no decorrer de seus dois mandatos, um discurso favorável à Rússia. Em declaração à imprensa concedida após 3ª Cúpula dos BRICS, a ex-presidenta mostrou-se otimista em relação ao funcionamento do grupo, destacando especialmente sua condição "agregadora":

> [...] Compartilhamos visões semelhantes sobre o crescimento econômico com justiça social. Crescemos com distribuição de renda, equilíbrio macroeconômico e redução da vulnerabilidade externa. Acreditamos que a prosperidade verdadeira só pode ser a prosperidade compartilhada por todos. Estamos empenhados em garantir o desenvolvimento ambientalmente sustentável de nossas economias (BRASIL, 2011).

Além da sinergia em relação aos BRICS, a Parceria Estratégica com a Rússia foi renovada, conforme estabelecido no Plano de Ação da Parceria Estratégica. Durante o encontro entre Dilma e Putin, diversos acordos foram formalizados, abrangendo o Acordo de Cooperação em Defesa, o Memorando de Entendimento sobre Governança e Legados em Eventos Esportivos, o Plano de Consultas Políticas e o Memorando de Entendimento sobre Modernização Econômica (BRASIL, 2012).

Em 2013, mesmo diante das limitadas viagens presidenciais, Dilma participou ativamente da V Cúpula do BRICS em Durban, África do Sul, priorizando atividades relacionadas ao desenvolvimento do bloco. Durante o evento, diversos temas foram discutidos, incluindo a reforma das instituições de governança global, uma pauta amplamente abordada por seu antecessor. A participação ativa nas demandas do BRICS, portanto, ressaltou a similaridade de interesses em relação ao seu antecessor, indicando a preferência pelo multilateralismo mesmo em uma fase de retração da política externa brasileira (BRASIL, 2013). Dessa forma, os interesses russo-brasileiros foram mantidos durante esse período.

Além da instabilidade política brasileira, o segundo desafio emergiu, dessa vez relacionado às tensões entre Rússia e Ocidente, após a Rússia anexar a Crimeia, em 2014. Essa decisão repercutiu em diversos embargos e em articulações para isolar a Rússia da comunidade ocidental (CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL – CNA BRASIL, 2016). No entanto, o Brasil adotou uma postura distinta, mantendo uma atitude favorável e protegendo a troca comercial entre ambos, cujo resultado se mostrava cada vez mais promissor. A relação bilateral continuou a se desenvolver, e a agenda do bloco permaneceu em vigor, garantindo, naquele mesmo ano, o encontro dos BRICS, na Austrália.

O terceiro desafio enfrentado pela Rússia e o Brasil foi a instabilidade econômica mundial após a queda nos preços das *commodities*, conforme a ex-presidenta citou em seu discurso na Sessão de Trabalho da Cúpula do BRICS e de países da América do Sul:

> É fato que houve, em período recente, uma desaceleração das economias dos países emergentes. Isso se deve, sejam os impactos da crise internacional gerada nos países desenvolvidos sobre nossas economias, sejam as necessárias mudanças em curso nos nossos países para promover a retomada sustentável do crescimento econômico. É sabido também que o que ocorre no resto do mundo, em especial nas economias desenvolvidas é uma muito modesta recuperação (BRASIL, 2014b).

Apesar dos desafios internos no Brasil, das tensões geopolíticas envolvendo a Rússia e da desestabilização econômica, o comércio bilateral permaneceu robusto, destacando-se a expansão do setor de carne e o aumento do intercâmbio comercial, conforme consta no documento "Mensagem ao Congresso Nacional - 2015" (BRASIL, 2015b). Ambos os países também colaboraram ativamente em missões sanitárias internacionais, fortalecendo a cooperação em temas cruciais de saúde pública e segurança alimentar (BRASIL, 2015b).

Este comprometimento também se refletiu na agenda dos BRICS, que se desenvolveu sem contingências. Dilma participou da VII Cúpula do BRICS dos BRICS em Ufá, na Rússia, onde expressou sua satisfação com a ratificação dos Acordos Constitutivos e o estabelecimento de novas instituições (BRASIL, 2015). Nessa ocasião, também ocorreu o encontro entre os presidentes russo e brasileiro, durante o qual discutiram a consolidação do bloco com a criação do Novo Banco de Desenvolvimento e do Acordo Contingente de Reservas (GARCIA, 2015).

Em 2015, um ano após a anexação da Crimeia, não foram observadas mudanças substanciais na relação bilateral, tampouco constrangimentos na agenda dos BRICS. Em um documento oficial brasileiro publicado naquele ano, reconhece-se a gravidade das tensões russo-ucranianas, mas não há indicações de sanções. O referido documento destaca a abertura do mercado russo para produtos lácteos e miúdos bovinos, além de negociações voltadas para a ampliação do número de estabelecimentos brasileiros autorizados a exportar carnes de aves, suínos e bovinos (GARCIA, 2015).

Após a latente instabilidade política no Brasil, Michel Temer assumiu definitivamente a Presidência da República em 31 de agosto de 2016, após o afastamento de Dilma do cargo mediante um processo de *impeachment*; Temer permaneceu como presidente interino por cento e onze dias (BRASIL, [2019]). A liderança de Temer foi marcada por preocupações em relação à sua legitimidade, acompanhadas pelos contínuos escândalos de corrupção; essas condições resultaram em limitadas viagens internacionais, dificultando a manutenção de uma agenda multilateralista (SILVA; PÉREZ, 2019).

Apesar das críticas à fragilidade da política externa brasileira, o ex-presidente Temer empenhou-se em fortalecer os laços com a Rússia ao renovar a parceria estratégica entre os dois países. Durante uma visita oficial, adotando uma postura proativa, o então vice-presidente

destacou não apenas a importância da troca cultural, mas também ressaltou significativamente os símbolos da cultura russa:

> Nossa ligação com a Rússia é muito forte. A cultura russa tem apelo universal e tem sido presença marcante na sociedade brasileira ao longo do tempo. Aliás, no dia de ontem, à noite, tivemos oportunidade de, ao lado do presidente Putin, assistir a uma exibição do Ballet de Bolshoi, que tem, por assim dizer, uma filial em Joinville, em Santa Catarina, no Brasil. Nomes como Dostoiévski e Tchaikovsky, só para citar dois exemplos, fazem parte de nosso próprio programa cultural (BRASIL, 2017).

Além de realçar a dimensão cultural, o discurso destacou o compromisso em fortalecer as relações comerciais, evidenciado pelos acordos assinados, como o acordo de facilitação de comércio, investimentos e o aprofundamento no diálogo político (BRASIL, 2017). A visita de Temer ocorreu em meio a um período de redução dos investimentos no Brasil devido à instabilidade política, justificando a busca por novas oportunidades (BRANDÃO, 2016).

Deste modo, os interesses compartilhados, entrecruzados pela convergência de valores, tornaram-se o denominador comum das relações bilaterais russo-brasileiras. Essas relações mantiveram-se sólidas e resilientes, mesmo diante das tensões ascendentes, reforçando a importância estratégica desses laços para ambos os países. A opção em preservar a relação bilateral sob condições adversas demonstra que por trás da parceria estratégica, existem múltiplos interesses que interconectam e protegem essa relação, principalmente na retórica do multilateralismo, uma tendência marcante dos governos de esquerda.

4.2 Segunda Fase: uma nova direção da Política Externa Brasileira (2018-2022) e Guerra Russo-Ucraniana (2022)

Após o término do governo interino de Temer, o Brasil se deparou com novos desafios, desta vez provenientes da polarização política. Essa dinâmica culminou na eleição de Jair Bolsonaro, um candidato com uma agenda conservadora e ênfase religiosa, representando uma alteração de retórica em comparação com seus antecessores de esquerda.

Ao ser eleito com 55,13% dos votos, Jair Bolsonaro introduziu uma nova agenda doméstica que teve repercussões significativas na política externa brasileira. Essa mudança rompeu com pilares característicos da política externa do país, como a disposição ao multilateralismo. Embora seja reconhecido que a política externa de nenhum país é estática e que a variação é natural, observa-se também que as mudanças profundas nos valores estratégicos durante esse governo representam uma tendência incomum (STOLLE, 2016 *apud* SILVA; SPOHR; SILVEIRA, 2016).

Em outras palavras, o governo de Bolsonaro abandonou a ideia de "autonomia pela diversificação" para priorizar a aproximação com um grupo seleto de países, sendo os EUA a relação mais atraente para esse governo (HIRST; MACIEL; 2022). A aproximação com os EUA foi, portanto, um dos movimentos mais significativos da política externa de Bolsonaro, como enfatizado durante seu discurso crucial nas principais diretrizes da Assembleia Geral da ONU:

> [...] Hoje o Brasil está mais seguro e ainda mais hospitaleiro. Acabamos de estender a isenção de vistos para países como Estados Unidos, Japão, Austrália e Canadá [...]. Em março, visitamos Washington, onde lançamos uma parceria abrangente e ousada com o governo dos Estados Unidos em todas as áreas, com destaque para a coordenação política e para a cooperação econômica e militar (BRASIL, 2019).

Essa modificação na orientação da política externa brasileira ocorreu mediante a convergência entre Bolsonaro e o ex-presidente norte-americano, Donald Trump. A aproximação, impulsionada por fatores ideológicos, reverberou em uma mudança de posicionamento abrangente, que abarcou diversos setores, desde acordos comerciais a cooperação em segurança e defesa. Esse realinhamento resultou em uma modificação na postura do Brasil em organismos internacionais. No âmbito econômico, Brasil e EUA buscaram fortalecer seus laços, explorando a possibilidade de um acordo de livre comércio, além da facilitação da concessão de vistos para norte-americanos (PEDUZZI, 2022).

Apesar dessa nova direção da política externa brasileira, a relação com a Rússia permaneceu estável. Ainda no primeiro ano de governo, Bolsonaro recebeu Putin em Brasília, oportunidade em que discutiram a ampliação do comércio e investimentos, especialmente nas áreas agropecuárias (VILELA, 2019). Deste modo, mesmo considerando as novas preferências de Bolsonaro, a relação foi mantida durante todo o governo, especialmente através da relação econômica.

No último ano de governo Bolsonaro, o presidente visitou a Rússia, admitindo a existência de uma dependência:

> Fui convidado pelo presidente Putin. O Brasil depende de grande parte de fertilizantes da Rússia até a Bielorrússia. Levaremos um grupo de ministros também para tratarmos de outros assuntos que interessam aos nossos países como energia, defesa e agricultura (BRASIL, 2022).

Considerando a declaração de Bolsonaro, é plausível afirmar que a mudança nas diretrizes da política externa brasileira não se revelou como um fator imperativo para a transformação da relação bilateral. A influência preponderante do agronegócio, dada a sua ligação essencial com a Rússia, principal exportadora de fertilizantes, emerge como aspecto

predominante. Apesar das alterações retóricas, a complexa rede de negócios e a multiplicidade de interesses que a permeiam constituem elementos robustos que impedem a ruptura das relações, mesmo em cenários adversos. Em outras palavras, a Parceria Estratégica, construída ao longo dos últimos anos, denota uma relação complexa, pouco suscetível a oscilações momentâneas, mesmo quando estas são extremamente contraditórias.

Conforme demonstrado, a inclinação retórica de Bolsonaro em relação aos EUA, além das prioridades desse governo, não foram fatores suficientes para degradar a relação russo-brasileira, a qual se manteve durante esse período. Embora Bolsonaro tenha realizado apenas uma visita à Rússia, uma frequência muito menor em comparação aos seus antecessores, o diálogo foi mantido por meio da comunicação presidencial ativa.

Paralelamente às mudanças domésticas que impactaram a política externa brasileira, condições desfavoráveis foram agravadas pelas divergências entre Rússia e Ocidente, após a Rússia invadir o território ucraniano, ocorrida no último ano do governo Bolsonaro (BRASIL, 2022). As sanções, já existentes desde 2014, foram intensificadas, resultando na retirada de empresas norte-americanas e europeias da Rússia, em um movimento articulado para isolar o país em resposta à invasão militar (PSALEDAKIS; HOLLAND, 2022).

Sob a liderança de Jair Bolsonaro, o Brasil, apesar de expressar alinhamento com os EUA, optou por manter-se afastado dessas medidas, preservando a relação bilateral devido à sua significativa relevância econômica. Esses dois eventos ilustram que a relação bilateral transcende divergências geopolíticas e que, mesmo em períodos de alinhamento com os EUA, as relações russo-brasileiras continuam habitando o espectro de prioridades brasileiras.

5 RÚSSIA E BRASIL: UMA RELAÇÃO ESTRATÉGICA E INTERDEPENDENTE

A reconfiguração das relações entre Rússia e Brasil no final da década de noventa, que culminou com o estabelecimento da Parceria Estratégica em 2002, foi impulsionada pela transformação do contexto no regime internacional. Nessa nova ordem, caracterizada pela multipolaridade e predominância política de um reduzido número de nações economicamente desenvolvidas, a cooperação entre Rússia e Brasil emergiu como estratégica, possibilitando a ambas as nações influenciar de maneira mais efetiva as dinâmicas inerentes a esse novo paradigma por meio da cooperação.

Com a convergência retórica dos líderes de esquerda e de Putin, houve uma maior ênfase em outras áreas, alinhadas ao desejo mútuo de maior protagonismo e projeção internacional. Os discursos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva destacaram, em diversas ocasiões, a

necessidade de reformar as organizações internacionais, uma pauta posteriormente incorporada à agenda dos BRICS. O respaldo russo à aspiração brasileira de integrar o Conselho de Segurança da ONU tornou-se estrategicamente relevante, assim como o apoio brasileiro à adesão russa à Organização Mundial do Comércio (OMC) assumiu caráter instrumental.

Sob essas circunstâncias, as instituições internacionais, predominantemente moldadas por uma perspectiva ocidentalizada, tornaram-se espaços indispensáveis para a promoção de interesses. Conforme sugerido por Keohane e Nye (1977, p. 64), em um mundo de problemas imperfeitamente interligados, coalizões formam-se de maneira transnacionais e transgovernamentais, expandindo o potencial papel das instituições internacionais nas negociações políticas, pois auxiliam na definição da agenda internacional, atuam como catalisadores para a formação de coalizões e como arenas para iniciativas políticas e vinculação por estados mais frágeis. Neste sentido, a Parceria Estratégica foi possibilitada pela necessidade de cooperar em um contexto cuja articulação de mudanças torna-se cada vez mais complexa.

Considerando a influência das instituições e os mandatos de Lula e Putin, tanto a Rússia quanto o Brasil empreenderam esforços para modificar esse contexto em prol de seus interesses. O posicionamento de Lula, desde seu discurso inaugural na Organização Internacional do Trabalho (OIT), revelou uma notável inclinação para abordar questões relacionadas às desigualdades, alinhando-se às insatisfações russas. Desde o declínio da URSS, a Rússia enfrenta desafios significativos na integração ao novo regime internacional, favorecendo a disposição e o interesse russos em estreitar as relações com o Brasil na última década, diante da busca de apoio em um contexto internacional pouco favorável aos seus objetivos.

A interseção de valores e interesses desempenhou, portanto, um papel catalisador, possibilitando a atuação desses dois países em diversas esferas. Com a abertura decorrente de uma mudança pragmática na política externa brasileira, no âmbito do paradigma de "autonomia pela diversificação", estabeleceu-se um diálogo mais abrangente, criando espaço para a cooperação em áreas previamente inexploradas. Um exemplo paradigmático dessa colaboração foi evidenciado nos projetos espaciais, nos quais a participação russa permitiu ao Brasil explorar territórios inéditos, como a primeira missão espacial com um astronauta brasileiro. A presença de Putin no Seminário Brasileiro, organizado em 2005, enfatizou a crescente complexidade da agenda bilateral, uma realidade inédita para esses dois países, porém coerente com a realidade multipolar.

Diante desse contexto, torna-se evidente que a crescente complexificação da Parceria Estratégica entre Rússia e Brasil ocorre a partir da interseção de valores, ambições e interesses econômicos. Essa relação também pode ser compreendida através de elementos-chave

presentes no livro "*Power and Interdependence*" de Keohane e Nye (1977). O primeiro diz respeito à falta de hierarquia entre as pautas, o que é verídico nessa relação, pois a cooperação abrange assuntos espaciais, econômicos e políticos. O segundo aspecto está ligado aos múltiplos canais que conectam a sociedade; no caso russo-brasileiro, existe uma dinâmica de caráter governamental, marcada pelo diálogo de alto nível, bem como a atuação de ambos nos BRICS, e a sinergia entre o setor agrícola. O terceiro elemento relaciona-se com a não utilização de força militar entre os países, o que também se mostra fiel a essa relação, pois a força militar não é um elemento predominante.

Ponderando que a relação russo-brasileira configura uma interdependência complexa, é crucial analisar suas implicações práticas. Em síntese, a interdependência tornou-se um elemento fundamental para sustentar a relação bilateral diante de mudanças desfavoráveis ao seu desenvolvimento. Em outras palavras, a relação bilateral continuou a se desenvolver mesmo em contextos adversos, como a deterioração nas relações entre Rússia e Ocidente, a crise econômica global, a redução do protagonismo da política externa brasileira durante o governo de Dilma e a mudança disruptiva na política externa durante o governo Bolsonaro. A preservação dessa relação em tempos desafiadores está intrinsecamente ligada à noção de vulnerabilidade e sensibilidade - questões inerentes a uma relação de interdependência.

5.1 O Conceito de Sensibilidade

No contexto da interdependência, Keohane e Nye (1977, p. 10) consideram a sensibilidade como uma habilidade de uma nação reagir e ajustar-se de forma ágil às alterações nas políticas de outro país, considerando um determinado cenário político. Essa sensibilidade é influenciada pelas dinâmicas estabelecidas em um conjunto de políticas, pressupondo que esse conjunto permaneça invariável. Isso implica que o ambiente político subjacente permanece estável, seja devido à dificuldade em formular políticas novas com rapidez ou ao comprometimento com um conjunto específico de normas, tanto domésticas quanto internacionais.

Observando a relação russo-brasileira, a sensibilidade se manifesta nas esferas econômica e política. Em termos econômicos, se o Brasil, como importante produtor agrícola e fornecedor de *commodities*, adotar políticas comerciais desfavoráveis às exportações para a Rússia, a sensibilidade russa se refletiria em um rápido aumento de preço no mercado russo, bem como no comprometimento da segurança alimentar. Já em termos políticos, se o Brasil adotar posições políticas ou diplomáticas contraditórias aos interesses russos em fóruns

internacionais, essas ações dificultariam ainda mais a inserção e influência russa, que já enfrenta constrangimentos em decorrência da deterioração da relação com o Ocidente, desde 2008.

A recíproca é verdadeira, pois, se a Rússia impuser sanções econômicas significativas ao Brasil, haveria efeitos negativos nas exportações brasileiras para a Rússia, culminando em perda de receitas para setores específicos, como agricultura ou energia. Além disso, essa hipótese repercutiria em desafios financeiros para empresas, impactando inclusive a taxa de empregabilidade nessas indústrias. No âmbito político, se a Rússia adotar ações que prejudiquem os interesses políticos brasileiros em organizações internacionais, como o veto a propostas favoráveis ao Brasil no Conselho de Segurança da ONU, as consequências poderiam incluir a diminuição da influência do Brasil nesses fóruns e a necessidade de realinhamento estratégico em sua diplomacia.

5.2 O Conceito de Vulnerabilidade

Para Keohane e Nye (1977, p. 11)), a vulnerabilidade, no contexto da interdependência, pode ser definida como a propensão de um ator a sofrer custos impostos por eventos externos, mesmo após as políticas terem sido alteradas.

A análise da relação bilateral também pode ser realizada sob a perspectiva da vulnerabilidade. O Brasil revela-se vulnerável no que diz respeito às exportações agrícolas para a Rússia. Em uma eventual interrupção dessas importações, isso acarretaria uma significativa queda nos valores das *commodities*, gerando impactos adversos tanto para os agricultores brasileiros quanto para o equilíbrio comercial nacional. Além disso, verifica-se vulnerabilidade no âmbito da segurança, uma vez que a Rússia figura como a segunda maior potência militar, conforme indicado pelo *Global Firepower Power Index* (ARMSTRONG, 2022). Nesse sentido, essa vulnerabilidade tem implicações estratégicas, como a possível aquisição de tecnologia militar ou o fortalecimento da cibersegurança.

Essa premissa é igualmente aplicável à Rússia, pois a vulnerabilidade do país em relação ao Brasil se desdobra em diferentes aspectos, considerando fatores econômicos, políticos e de segurança. À medida que a Rússia depende de importações de produtos agrícolas e de outros recursos específicos do Brasil, a interrupção dessas importações por parte do Brasil poderia gerar vulnerabilidades econômicas, impactando setores específicos da economia russa.

A vulnerabilidade política também pode ser vislumbrada em fóruns internacionais. Se o Brasil adotar posições políticas ou diplomáticas que contrapõem os interesses russos em organizações internacionais, isso resultaria na perda de influência ou apoio político para a

Rússia em arenas globais, especialmente em um momento em que sua influência em espaços ocidentais já está comprometida. Além disso, se o Brasil decidir fortalecer alianças com países ou blocos que não são favoráveis à Rússia, isso geraria desafios políticos e estratégicos para os interesses russos na região, dificultando ainda mais a inserção.

Os conceitos de vulnerabilidade e sensibilidade evidenciam que, se a interrupção ou deterioração da Parceria Estratégica fosse uma resposta aos eventos e aos contextos previamente apresentados, haveria efeitos negativos para ambos os países. Isso implica que, em tempos adversos, há a predominância e manutenção dessa relação complexa, que paradoxalmente atinge essa condição em detrimento de uma vulnerabilidade e sensibilidade mútua.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reconfiguração da relação bilateral russo-brasileira nas últimas duas décadas representa um desdobramento paradigmático na política externa brasileira, tornando-a favorável às demandas russas em um novo cenário internacional dominado por ordens e instituições ocidentais. No início do século XXI, a convergência entre a agenda imposta pelos líderes brasileiros, principalmente de orientação esquerdista, e os interesses russos fundamentou o estabelecimento da Parceria Estratégica em 2002.

A reciprocidade entre os discursos presidenciais, principalmente entre Luiz Inácio Lula da Silva e Vladimir Putin, possibilitou uma intensificação gradual das interações, evoluindo para uma relação de interdependência complexa, onde as noções de sensibilidade e vulnerabilidade desempenham um papel crucial no funcionamento dessa parceria, a qual prevalece mesmo em contextos adversos.

Apesar das estreitas relações com países ocidentais, o Brasil optou por não aderir às sanções econômicas após a anexação da Crimeia em 2014, tampouco após a escalada da guerra russo-ucraniana em 2022, considerando as potenciais repercussões desfavoráveis que essa decisão poderia acarretar. Essa escolha impactaria o apoio que o Brasil recebe da Rússia em instituições internacionais, como, por exemplo, a possível reforma do Conselho de Segurança da ONU. Além disso, sancionar a Rússia teria repercussões no mercado agrícola brasileiro, o qual depende da importação de fertilizantes russos. Por último, esse cenário comprometeria a atuação conjunta desses dois países no agrupamento dos BRICS.

A Parceria Estratégica também revelou sua resiliência quando houve uma mudança disruptiva na política externa brasileira, após Jair Bolsonaro adotar uma retórica desfavorável

à Rússia, limitando a disposição brasileira a uma agenda mais abrangente e, sobretudo, rompendo com os pilares da política externa brasileira. Em outros termos, mesmo quando Bolsonaro assumiu uma postura pró-EUA, na prática, essa mudança não foi suficiente para desestabilizar a relação russo-brasileira, pois esta continuou a se desenvolver apesar das oscilações na política externa e de discursos contraditórios em relação aos interesses russos.

A partir desses diferentes contextos, é plausível inferir que Rússia e Brasil estabeleceram uma relação de interdependência subsidiada pela interconexão de interesses complexos, os quais evoluem sem uma estrutura hierárquica definida. Dessa forma, a complexificação das relações russo-brasileiras evidencia que o alicerce construído ao longo das últimas duas décadas é robusto o suficiente para suportar tensões geopolíticas, crises econômicas e flutuações na política externa brasileira.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, M. L. Brasil fecha acordo e apoia entrada da Rússia na OMC. **BBC Brasil,** 18 out. 2005. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2005/10/051018_cucaomc. Acesso em: 18 jan. 2024.

ARMSTRONG, M. The world's most powerful militaries. **Statista,** 14 jan. 2022. Disponível em: https://www.statista.com/chart/20418/most-powerful-militaries/. Acesso em: 10 jan. 2024.

AVENDAÑO, T. C. Estados Unidos: um aliado acima de todos para o Brasil de Bolsonaro. **El País,** 30 nov. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/29/internacional/1543517200_635889.html. Acesso em: 06 jan. 2024.

BACIGALUPO, G. Z. de. As relações russo-brasileiras no pós-guerra fria. **Revista Brasileira de Política Internacional,** v. 43, n. 2, p. 59-86, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbpi/a/xyqRWndWkXQKtLbNjzkxC7R/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05 jan. 2024.

BRANDÃO, Marcelo. Temer vai à Ásia em busca de parcerias e investimentos. **Agência Brasil,** 11 out. 2016. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-10/temer-vai-asia-em-busca-de-parcerias-e-investimentos. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS).** Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 03 jan. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/mecanismos-internacionais/mecan+ismos-inter-regionais/brics. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. Planalto. **Declaração Conjunta por ocasião da visita oficial à República Argentina do Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva.** Brasília: Planalto, 23 jan. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/central-de-conteudo/textos/declaracao-conjunta-por-ocasiao-da-visita-oficial-a-republica-argentina-do-presidente-da-republica-federativa-do-brasil-luiz-inacio-lula-da-silva. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. Planalto. **Presidente Jair Bolsonaro embarca em visita oficial à Rússia.** Brasília: Planalto, 31 out. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2022/02/presidente-jair-bolsonaro-embarca-em-visita-oficial-a-russia. Acesso em: 19 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão - Funag, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/funag/pt-br/centrais-de-conteudo/politica-externa-brasileira/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-74a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Biografia – Michel Temer.** Brasília: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/biografia-1/biografia. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Discurso Michel Temer.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão - Funag, 2017. Disponível em: https://www.funag.gov.br/ipri/repertorio/index.php/news?start=15. Acesso em: 09 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Participação da Presidenta da República na VII Cúpula do BRICS – UFÁ, Rússia.** 08-09 jul. 2015a. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/participacao-da-presidenta-da-republica-na-vii-cupula-do-brics-ufa-russia-8-e-9-de-julho-de-2015. Acesso em: 08 jan. 2024.

BRASIL. Presidente (2011- Dilma Rousseff). **Mensagem ao Congresso Nacional, 2015:** 1ª Sessão Legislativa Ordinária da 55ª Legislatura. Brasília: Presidência da República, 2015b. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/mensagem-ao-congresso/mensagem-ao-congresso-nacional-2010-2016/mensagem-ao-congresso-nacional-2015.pdf. Acesso em: 06 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Federação da Rússia.** Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 09 jul. 2014a. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/federacao-da-russia. Acesso em: 05 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião da Segunda Sessão de Trabalho da Cúpula do Brics e de países da América do Sul.** Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 16 jul. 2014b. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-segunda-sessao-de-trabalho-da-cupula-do-brics-e-de-paises-da-america-do-sul-brasilia-16-de-julho-de-2014. Acesso em: 15 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **V Cúpula dos BRICS –** Durban, 27 de março de 2013. Durban: Ministério das Relações Exteriores, 27 mar. 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/v-cupula-do-brics-durban-27-de-marco-de-2013. Acesso em: 15 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Comunicado conjunto da Presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, e do Presidente da Federação da Rússia, Vladimir Vladimirovich Putin.** Moscou: Ministério das Relações Exteriores, 2012. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/comunicado-conjunto-da-presidenta-da-republica-federativa-do-brasil-dilma-rousseff-e-do-presidente-da-federacao-da-russia-vladimir-vladimirovich-putin. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Declaração à imprensa concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, após 3ª Cúpula dos BRICS.** Sanya-China: Biblioteca da Presidência da República, 14 abr. 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/discursos/discursos-da-presidenta/declaracao-a-imprensa-concedida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-3a-cupula-dos-brics. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin.** Moscou-Rússia: Biblioteca da Presidência da República, 14 maio 2010. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2010/14-05-2010-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-encontro-com-o-primeiro-ministro-da-russia-vladimir-putin. Acesso em: 15 jan. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Viagens internacionais do Presidente da República/2009.** Brasília: Secretaria de Imprensa, 2009. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/viagens/viagens-internacionais-2o-mandato/viagens-internacionais-2009.pdf/view. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Declaração conjunta -** Visita oficial à República Federativa do Brasil do Presidente da Federação da Rússia, Dmitry Medvedev. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 2008. Disponível em: https://concordia.itamaraty.gov.br/detalhamento-acordo/6285?page=2&s=R%C3%BAssia&tipoPesquisa=1#assuntosRelacionados. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião entre os países do G-8 e os chefes de Estado e/ou de Governo da África do Sul, Brasil, China, Índia, México e República do Congo.** São Petersburgo-Rússia: Biblioteca da Presidência da República, 17 jul. 2006. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2006/17-07-2006-intervencao-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-reuniao-entre-os-paises-do-g-8-e-os-chefes-de-estado-e-ou-de-governo-da-africa-do-sul-brasil-china-india-mexico-e-republica-do-congo. Acesso em: 11 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Declaração à Imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita de Estado à Rússia.** Moscou-Rússia: Biblioteca da Presidência da República, 18 out. 2005. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2005/18-10-2005-declaracao-a-imprensa-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-por-ocasiao-da-visita-de-estado-a-russia. Acesso em: 15 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, através de videoconferência, na Conferência Anual do Banco Mundial sobre Economia do Desenvolvimento – ABCDE, realizada em Paris, França.** Paris-França: Biblioteca da Presidência da República, 16 maio 2003a. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2003/16-05-2003-discurso-do-pr-luiz-inacio-lula-da-silva-atraves-de-videoconferencia-na-conferencia-anual-do-banco-mundial.pdf/view. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante sessão especial da 91ª Conferência Internacional do Trabalho – OIT.** Genebra-Suiça: Biblioteca da Presidência da República, 02 jun. 2003b. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2003/02-06-2003-discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-sessao-especial-da-91a-conferencia-internacional.pdf/view. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL-RÚSSIA: o fortalecimento de uma parceria. Tradução de Aleksandr Yurievitch Loguinov. Brasília: Funag, 2005. 347 p.

CAZARRÉ, M. Brasil e Rússia iniciam diálogo político militar em formato 2+2. **Agência Brasil,** 16 fev. 2022. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-02/brasil-e-russia-iniciam-dialogo-politico-militar-em-formato-22. Acesso em: 18 jan. 2024.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA. **Aquisição de helicópteros russos MI-35M.** Brasília: FAB/Ministério da Defesa, 08 dez. 2008. Disponível em: https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/1965/Aquisi%C3%A7%C3%A3o%20de%20helic%C3%B3pteros%20russos%20MI-35M. Acesso em: 12 jan. 2024.

CERVO, A. L. **Inserção internacional:** a formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2008.

CERVO, A. L. Política exterior e relações internacionais no Brasil: enfoque paradigmático. **Revista Brasileira de Política Internacional,** v. 46, n. 2, p. 5-25, [2003]. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbpi/a/zbz5ycSxKHRYZCRpkPqRyGF/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20paradigma%20do%20Estado%20normal%20(1990%2D2002)&text=Uma%20vertente%20do%20pensamento%20latino,ao%20final%20do%20s%C3%A9culo%20XX. Acesso em: 05 jan. 2024.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL – CNA Brasil. **Os embargos russos e a agropecuária brasileira.** Boletim do Agronegócio Internacional, Brasília, nov. 2016. Disponível em: https://www.cnabrasil.org.br/storage/arquivos/30-boletim_do_agronegocio_internacional_0.34789400201514916990.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

CONHEÇA os BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. *In:* BRICS – 6º FÓRUM ACADÊMICO. Rio de Janeiro: IPEA, 18-19 mar. 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conheca-os-brics.html. Acesso em: 13 jan. 2024.

FREIRE, M. R. **A evolução da política externa da Rússia.** Coimbra: Imprensa, 2017.

GARCIA, G. In Russia, Rousseff says now "special moment" BRICS. **Agência Brasil,** 09 jul. 2015. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/internacional/noticia/2015-07/russia-rousseff-says-now-special-moment-brics. Acesso em: 15 jan. 2024.

HALL, M. **Annual address to the Federal Assembly of the Russian Federation.** Moscow: President of Russia, 16 maio 2003. Disponível em: http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21998. Acesso em: 11 jan. 2024.

HIRST, M.; MACIEL, T. A política externa do Brasil nos tempos do governo Bolsonaro. **Scielo Preprints,** 2022. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4771/version/5058. Acesso em: 13 jan. 2024.

KEOHANE, R. O.; NYE, J. S. Power and interdependence. **Political Science,** 1977. p. 64. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Power-and-interdependence-Keohane-Nye/76b4023b1534bcd8c579a00a52c82ebbf2a52a34. Acesso em: 15 jan. 2024.

NUNES, L. Lula assina acordo com a Rússia para voo de astronauta brasileiro. **O Estado de São Paulo,** 19 out. 2005. p. 2. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/312811/noticia.htm?sequence=1. Acesso em: 12 jan. 2024.

OLIVEIRA, M. D. de. (Org.). **Discursos selecionados do Presidente Fernando Henrique Cardoso.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão - Funag, 2010. p. 14. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/636-Discursos_FHC.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

PEDUZZI, P. Decreto reforça parcerias comerciais entre Brasil e EUA. **Agência Brasil,** 09 jun. 2022. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-06/decreto-reforca-parcerias-comerciais-entre-brasil-e-eua. Acesso em: 12 jan. 2024.

PIMENTEL, J. Vicente de S. (Org.). **Debatendo o BRICS.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão - Funag, 2013a.

PIMENTEL, J. Vicente de S. (Org.). **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão - Funag, 2013b. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/1032-Brasil_os_BRICS_e_a_agenda_internacional_O.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

PRESS statements on the results of Russian-Brazilian talks. *In:* PRESIDENT OF RUSSIA, Moscow: The Kremlin, 18 out. 2005. Disponível em: http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/23224. Acesso em: 15 jan. 2024.

PSALEDAKIS, D.; HOLLAND, S. EUA impõem sanções à Rússia por anexação de territórios ucranianos. **Agência Brasil,** 30 set. 2022. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-09/eua-impoem-sancoes-russia-por-anexacao-de-territorios-ucranianos. Acesso em: 10 jan. 2024.

PUTIN confirma apoio ao país em Conselho da ONU. **Folha de São Paulo,** 15 jan. 2002. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1501200217.htm. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, A. L. R. da.; HOLLEBEN, R. de. De Lula a Bolsonaro: rupturas e continuidades discursivas na política externa brasileira para os BRICS (2003 - 2020). **Monções Dourados – Revista de Relações Internacionais da UFGO,** v. 11, n. 22, 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/259887/001168323.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, A. R. da; PÉREZ, J. O. Lula, Dilma, and Temer the rise and fall of Brazilian foreign policy. **Latin American Perspectives,** v. 46, n. 4, p. 169-185, jul. 2019. DOI 10.1177/0094582X19846521. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0094582X19846521?journalCode=lapa. Acesso em: 12 jan. 2024.

SILVA, A. L. R. da. SPOHR, A. P.; SILVEIRA, I. L. From Bandung to Brasilia: IBSA and the political lineage of South–South cooperation, **South African Journal of International Affairs,** v. 23, n. 2, p. 167-184, 2016. DOI: 10.1080/10220461.2016.1200480. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10220461.2016.1200480?scroll=top&needAccess=true. Acesso em: 13 jan. 2024.

SILVEIRA, W. FHC inicia viagem pós-apagão à Rússia. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 13 jan. 2002. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1301200221.htm. Acesso em: 05 jan. 2024.

SIMÃO, L.; RODRIGUES, S. A União Europeia entre o alargamento e a vizinhança: os casos dos Balcãs Ocidentais e do Cáucaso do Sul. **Revista Brasileira de Política Internacional,** v. 55, n. 1, p. 5-25, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbpi/a/zmMtQqbXdDHfJX9M7jvKkPN/#. Acesso em: 06 jan. 2024.

VERDÉLIO, A. Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU. **Agência Brasil,** 24 set. 2019. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu. Acesso em: 10 jan. 2024.

VIGEVANI, T.; OLIVEIRA, M. F. de.; CINTRA, R. Política externa no período FHC: a busca de autonomia pela integração. **Tempo Social,** v. 15, n. 2, nov. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/mvGDVSGydQkVyxxCSjxyQ9f/. Acesso em: 15 jan. 2024.

VILELA, P. R. Bolsonaro recebe Putin no Palácio do Planalto. **Agência Brasil,** 14 nov. 2019. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-11/bolsonaro-recebe-putin-no-palacio-do-planalto. Acesso em: 06 jan. 2024.

VLADIMIR PUTIN summed up the results of the G8 summit in St Petersburg. *In:* RBC COMPANIES, 17 jul. 2006. Disponível em: https://www.rbc.ru/politics/17/07/2006/5703bc639a7947afa08ca4d9. Acesso em: 05 jan. 2024.